

Marcelo Tadvald
UFRGS

Volta e meia nos deparamos com temas relacionados ao espiritismo sendo apresentados ou discutidos pela mídia. São os mais diferentes fatos e acontecimentos que despertam a curiosidade e o interesse das pessoas em geral, recebendo divulgação e permanecendo em destaque durante um período mais ou menos longo, conforme a disposição e o interesse investidos nesses acontecimentos pela imprensa e pela sociedade.

Tal interesse não se dá por acaso. O Brasil é considerado como o maior país espírita do mundo. Os dados oficiais do censo de 2000 dão conta de que 1,38% da população brasileira se considera espírita kardecista. Trata-se de um pequeno avanço com relação ao censo de 1991, que contava com um percentual de 1,12% de espíritas no Brasil. São, todavia, percentuais pequenos que não representam os motivos da tida liderança brasileira no número de adeptos do espiritismo no mundo. Entretanto, de acordo com a Federação Espírita Brasileira (FEB), mais de 30 milhões de brasileiros lêem milhares de livros espíritas vendidos anualmente. Tais números não se refletem nos percentuais do censo oficial devido, em parte, ao fato de que muitos ainda se identificam como cristãos católicos (73,8% de acordo com o censo de 2000) ou mesmo como membros de outras religiões e seitas. Todavia, o espiritismo kardecista sem dúvida alguma possui um espaço privilegiado dentro do panteão de crenças existentes no Brasil. Tal espaço foi galgado e construído ao longo do século XX a partir de uma série de fenômenos que podem ser resgatados e melhor compreendidos a partir da figura do médium mais popular da história do espiritismo brasileiro, Francisco Cândido Xavier – Chico Xavier.

Na reportagem de capa da edição de 10 de novembro de 2004 da revista *IstoÉ*, intitulada “Conversas do Além”, afirma-se que poucas vezes nos últimos tempos assuntos relacionados e correlacionados ao espiritismo tiveram tanto espaço nas agendas do país. De maneira geral, nos parece difícil dissociar a vida e a obra de Chico Xavier dos fenômenos espíritas brasileiros que são apresentados pela mídia. A reportagem, que afirma que o espiritismo se encontra mais do que nunca na “ordem do dia”, apresenta uma entrevista com o jornalista (não espírita) Marcel Souto Maior,

autor dos livros *As vidas de Chico Xavier e Por trás do Véu de Ísis*, obras que se destinam a compreender o trabalho do médium e que, em decorrência do sucesso de vendas, já tiveram seus direitos vendidos para se tornarem longa-metragem e seriado para a televisão aberta. Também recentemente, foi largamente difundido pelos meios de comunicação o episódio em que o deputado federal (e kardecista) Luiz Carlos Bassuma (PT-BA) incorporou uma entidade em plena Câmara dos Deputados quando presidia a sessão.

A produção antropológica brasileira já possui estudos que se destinam a discutir o espiritismo dentro dos códigos de nossa disciplina, ainda que este tema não tenha se desenvolvido com a mesma intensidade verificada com relação a outras expressões religiosas brasileiras. Destacam-se, dessa forma, os estudos de Maria Laura Viveiros de Castro (*O Mundo Invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983; e *O que é espiritismo?* São Paulo: Brasiliense, 1985), de Eduardo Araia (*Espiritismo: doutrina de fé e ciência*. São Paulo: Ática, 1996) e, mais recentemente, o trabalho de Sandra J. Stoll (*Espiritismo à Brasileira*. São Paulo: Edusp, 2003), fruto de tese de doutorado que trata especificamente da trajetória de Chico Xavier, também analisada por Bernardo Lewgoy. Pelo que podemos perceber, a própria discussão sobre a vida e a obra de Chico Xavier parece ter se tornado condição *sine qua non* para desvelarmos uma discussão maior sobre o espiritismo brasileiro.

Lançado recentemente, *O Grande Mediador – Chico Xavier e a cultura brasileira*, de Bernardo Lewgoy, de certa maneira precipita e insere o olhar antropológico para dentro deste debate que se mostra cada vez mais atual e recorrente. A partir da análise da trajetória (mítica) de Chico Xavier, procura compreender de que maneira o espiritismo brasileiro se constituiu da forma como é, diferentemente, em alguns aspectos, do espiritismo francês, berço desta doutrina, e como a figura de Chico Xavier pode ser compreendida como catalisadora de uma retórica sincrética entre elementos notavelmente espíritas e elementos notavelmente católicos. Tal fenômeno contribuiu para o desenvolvimento do espiritismo brasileiro e do espiritismo *à brasileira*.

Chico Xavier, falecido em 2002, é a principal referência do espiritismo no Brasil. Percebemos que a trajetória religiosa deste médium se confunde com a própria trajetória da doutrina no país durante o século XX (Chico Xavier nasceu em 1910 e publicou seu primeiro livro – *Parnaso de Além-Túmulo* – em 1932). A compreensão da figura de Chico Xavier passa pelo esforço de apreensão de dois níveis distintos: um que se refere à obra mediúcnica do autor e outro que se refere à hagiografia do santo existente em torno da figura do médium. Em todo caso, este estudo demonstra que, quaisquer que sejam as leituras realizadas em torno do médium, estas nos apresentam uma personagem cercada de uma aura de sacralidade que faz sentido para o imaginário religioso brasileiro, fato que contribuiu decisivamente para a criação e consolidação deste espiritismo tupiniquim.

A obra está dividida em cinco capítulos. O primeiro capítulo se propõe realizar um breve esboço biográfico de Chico Xavier. Nesta parte tomamos conhecimento do início de uma trajetória mítica marcada pelo sofrimento e pela provação, aspectos que iriam acompanhar a figura de Chico Xavier durante toda sua vida. De infância pobre e triste, Chico Xavier começa desde cedo a tomar conhecimento da “missão maior” destinada a si nesta vida, através de encontros que tem com o espírito de sua mãe. Posteriormente se encontraria com um daqueles espíritos que mais lhe seria presente e “parceiro” durante seu trabalho espiritual – Emmanuel. Aqui existe um esforço de demonstrar como tais acontecimentos da vida de Chico Xavier, encontrados em suas diferentes biografias existentes, possuem

elementos que podem ser tomados como comuns em histórias de santidade, ou seja, que contribuíram para a constituição de uma imagem de *santidade* para Chico Xavier.

O segundo capítulo, não por acaso o mais extenso, reconstitui o contexto social, religioso, político e histórico da obra literária do médium ao longo do tempo e a articula à própria constituição do “mito” Chico Xavier. Apresenta de que maneira o papel familiar e religioso das mães estará presente ao longo das manifestações públicas do médium, chamando a atenção para o fato de que tal aspecto esteve ele próprio inserido na vida de Chico Xavier de maneira muito peculiar. De maneira geral, os ensinamentos presentes na obra condizem com a vida particular do médium. A figura do “caxias”, resgatada de Roberto da Matta por Lewgoy, delimita em parte a conduta do médium, assim como parte da égide apregoada pela doutrina espírita no Brasil, ou seja, de submissão a uma Ordem Maior, de obediência às regras, de resignação, parcimônia etc.

A matrifocalidade da obra de Chico Xavier resume, em parte, a aproximação da doutrina espírita com o catolicismo popular, em um tempo em que a própria Igreja atacava a doutrina. Isto nos permite pensar de que maneira existira uma valorização da mulher dentro do espiritismo brasileiro desde então. Tal discussão pode contribuir para nosso entendimento acerca dos motivos que expliquem o fato de quase 60% dos espíritas brasileiros serem mulheres, de acordo com o censo de 2000. A aproximação do espiritismo brasileiro com o catolicismo se constitui como um dos fatos que diferem em essência este espiritismo do europeu preconizado por Allan Kardec, também mais secular e racionalista.

Durante o Estado Novo ocorre uma reaproximação do governo para com a Igreja Católica. O escritor Chico Xavier entra em cena exatamente durante este período. Ao ampliar o leque de trocas com o catolicismo popular, revitalizado, Chico amplia as possibilidades de difusão da doutrina espírita entre as camadas populares, através de “um espiritismo de vocação nacional e conciliador” (p. 44). A promoção da literatura espírita realizada por Chico Xavier contribui também para a disseminação desta doutrina entre uma classe média letrada e consumidora de livros que só fazia aumentar durante as décadas de 1940-60 no Brasil. Parece que, graças ao trabalho de Chico Xavier, o espiritismo no Brasil consegue se solidificar e se integrar à realidade urbano-industrial que aqui se consolida a partir dos anos 1930.

Diferentemente do espiritismo francês de Allan Kardec, o espiritismo brasileiro de Chico Xavier se constitui a partir de uma estrutura dissertativa que privilegia os pequenos relatos espírituais em primeira pessoa, fato que para Lewgoy pode ser explicado a partir da influência de uma moralidade católica e da literatura de folhetim. Esta obra também nos procura demonstrar de que maneira os livros escritos em parceria com o espírito Emmanuel, por exemplo, podem ser percebidos como produto de sua época, de um Brasil delimitável historicamente. Se as publicações dos anos 1930 flertavam com o nacionalismo autoritário da época varguista, outras obras (como *Renúncia*, de 1944), metaforicamente se posicionavam contra os acontecimentos da II Guerra Mundial, dentro da doutrina espírita.

A figura de Chico Xavier, que se encontra em certo sentido consubstanciada nas categorias de santidade e de “caxias”, apontava sempre para um ideal conservador que se aproximaria de um *ethos* militar de disciplina. O estudo em questão propõe tal *ethos* ser parte inerente do Estado Novo. Se Chico Xavier não fosse, na conduta de sua vida pessoal, um verdadeiro “caxias”, seria possível construir uma doutrina espírita à *brasileira* sob tais

características? É bastante interessante o fato trazido pelo estudo de que o tempo inteiro a tensão entre os “desígnios espíritas” e a vida pessoal de Chico Xavier estarão presentes, assim como uma linguagem burocrática e administrativa – “caxias” – que fazia apologia a categorias da estirpe de “serviço”, “trabalho”, “obra”, “mediunato” etc. Para o autor, “essa concepção cívica e orgânica de cidadania afina-se com a hegemônica matriz autoritária do pensamento social brasileiro na década de 1930” (p. 68). A obra de Chico Xavier está inserida perfeitamente em seu tempo. Por exemplo, é curioso descobrirmos, lendo *O grande mediador*, porque possuímos, desde então, centros espíritas constituídos como se fossem repartições do governo, com uma lógica administrativa e burocrática de atendimento aos seus seguidores. De fato, se realizarmos uma visita a algum centro espírita brasileiro, podemos verificar tal aspecto sem muitas surpresas.

A proposta do terceiro capítulo se resume em resgatar certos elementos que constroem e aproximam a figura de Chico Xavier da de um “santo”. Tal imagem se consagra a partir dos anos 1950, devido muito à ética de humildade e de caridade que perpassa a figura do médium. Nos pareceu particularmente interessante a idéia apresentada que coloca a figura de Chico Xavier inserida em um momento de *communitas*, por mediar duas realidades que toma como estruturantes: o mundo espiritual e o mundo terreno. Tal biografia de entrega, de caridade e de humildade, apropriadas como são pelo imaginário religioso do brasileiro e de suas relações sociais, conferiu um aporte indelével de santidade à figura de Chico, ainda que este tenha recusado, durante toda a sua vida, o epíteto de santo.

Uma vez o quarto capítulo versar sobre a importância da obra escrita de Chico Xavier para o Brasil, podemos verificar a importância desta obra não somente no que se referiu à disseminação da doutrina espírita no Brasil, como também a sua importância política, dada a unificação das federações espíritas então existentes (Pacto Áureo, em 1949) em torno daquela federação (FEB) que editava suas obras. Se tal aspecto fortaleceu a representatividade e a ampliação da doutrina em nível nacional, em consonância a isso, a obra de Chico Xavier, ao formar um conjunto próprio de referência e ao possuir um mecanismo de divulgação bem estruturado, contribuiu para consolidar um espiritismo brasileiro autônomo com relação ao espiritismo francês. Tal proposta, apresentada no livro de Lewgoy, parece-nos se coadunar a certas representações existentes dentre a comunidade espírita brasileira que lhe agregam um certo sentido de *identidade* específico e bem fundamentado.

Ainda que o autor não discuta diretamente tal questão, *O grande mediador* resgata alguns elementos que nos permitem vislumbrar tais categorias, pois demonstra como a obra de Chico Xavier conseguiu constituir uma doutrina que clamava pelo pertencimento social sem exageros ou radicalismos, agregando valores católicos e somando a tudo isso símbolos de prestígio e de diferenciação para seus seguidores, como o *estudo*, a *erudição*, a *ciência* e a *valorização da leitura*. Mesmo as camadas menos favorecidas da sociedade encontravam valores simbólicos importantes que também possibilitavam sua aproximação com a doutrina.

No quinto e último capítulo é traçada uma análise histórica e contextual do espiritismo no Brasil relacionada com a figura de Chico Xavier ao longo do tempo. Aqui descobrimos como o espiritismo enfrentou problemas de legitimação no Brasil durante toda a República Velha, encontrando forte oposição entre segmentos da Igreja Católica e do próprio Estado pois, ao combinar nacionalismo e profetismo, uma vez o espiritismo sofrer a influência da matriz autoritária do pensamento social existente nos anos 1930, a doutrina conseguiria encontrar paulatinamente seu

espaço, graças, em parte, ao trabalho de Chico Xavier. Seria a partir dos anos 1950 que o espiritismo encontraria seu momento maior de afirmação até então. Descobrimos que, não por acaso, será neste período em que haverá a maior oposição católica contra o espiritismo e que à figura de Chico Xavier será agregada de fato uma imagem de santidade. Para o autor, “nos anos 50 e 60, o espiritismo buscou mostrar-se mais cristão do que os demais cristãos, mais religioso e popular do que os ‘falsos religiosos de batina’ que o perseguiram, e, finalmente, mais branco, racional, europeu e identitário do que as demais religiões mediúnicas” (p. 115). Descobrimos também que durante os anos de 1970-80, a figura de Chico Xavier se resignará à de um homem de bem dentro do regime militar, reforçando sua imagem de santo, laico, ecumênico e caridoso.

Ao concluir o estudo, Lewgoy reforça o fato de que não há como desvincular uma análise do espiritismo de uma análise dos diferentes momentos sociais por que passaram as forças armadas no Brasil, ao longo do século XX. Tal perspectiva parece fazer menção aos momentos históricos da vida política brasileira em que o papel das forças armadas se fez mais evidente, momentos estes em que o espiritismo conquistou espaços importantes dentro da vida religiosa brasileira. O sucesso desta doutrina parece estar relacionado à abertura republicana realizada em 1891 às diferentes crenças religiosas. De fato, produto de seu tempo, o espiritismo soube se incluir nas diferentes ordenações sociais pelas quais passou a sociedade brasileira ao longo do século XX.

A sensação que podemos ter ao terminar a leitura é a de que tal estudo nos parece colocar em xeque o limite entre o “escritor espiritual” e o “escritor encarnado”. Fato é que Chico Xavier viria publicar 412 livros até a sua morte, em julho de 2002, não por acaso sendo considerado um dos autores mais profícuos na história da língua portuguesa. E se de fato o “espiritismo se encontra na ordem do dia”, como noticia a matéria da *IstoÉ*, nada melhor do que poder contar com um estudo antropológico sobre aquele que possivelmente deu a “cara” que o espiritismo brasileiro possui hoje.

Marcelo Tadvald é aluno do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.